

A civilização  
técnica

Fundação Cuidar o Futuro





Não me vou deter na descrição  
da civilização tónica. Ela é  
por demais conhecida, malpelici-  
zada, denunciada, na literatura  
contemporânea. Benanos, em  
La France contre les robots, Camus,  
em 'l'homme révolte', Cheorfiu  
em 'A 25ª hora', Huxley em  
"O melhor dos mundos",  
"Le ~~Empire des Célèbres~~ ~~mondes~~ ~~mondes~~,  
Roestler em "O zero e o il-  
finito", p. não falar dos tra-  
balhos de tese de Friedman,  
Chenu e outros, cada um a  
seu modo se debruçou sobre  
a civilização em q̄ vivemos e a  
acusou violenta/.



Bastaria essa insistência da literatura p<sup>r</sup> nos levantar algumas interrogações. Porquê este cubito eclodir de uma nova civilizaç<sup>o</sup>? E até q<sup>o</sup> ponto podemos dizer q<sup>o</sup> é uma civilizaç<sup>o</sup> nova?

Não estamos antes, como sempre acontece na história, a dar uma perspectiva diferente aos fenómenos dos ~~nos~~ <sup>dias</sup> ~~tempo~~, a criar realidades sociológicas q<sup>o</sup> a distância no tempo virá colocar na perspectiva just<sup>a</sup>?

Uma civilizaç<sup>o</sup> é sempre uma incarnação de valores culturais nas estruturas, nas



instituições, nos costumes, no ③  
 "respirar" do corpo orgânico da  
 sociedade. Quais os valores  
 entoad da civilizaçf técnica?

Nad ~~eu~~ <sup>euio</sup> ~~se~~ <sup>é</sup> ~~podemos~~ <sup>poramos</sup>, e/laoups,  
 de finir a civilizaçf técnica  
~~afueta~~ <sup>inicial</sup> ~~que~~ como a civilizaçf  
 q em q convergem o ~~dois~~  
<sup>conluamento</sup>  
~~que~~ tradicionalidade ~~do~~ mundo  
 em q ovemos e um desejo  
 de ultrapassar as pobrega dos  
meios humanos no domínio  
das coisas criadas, das energias  
naturais. Pode dizer-se  
 q essa convergência ~~existe~~ <sup>é que</sup>

1) a ciência não é estéril, é fr. conclusão do mundo →

2) Como o homem reage está e h<sup>to</sup> livros

3) Tempos livres

→ É ontológica anterior ao mundo  
o mundo é o q se fez tendo o  
mesmo → sentido positivo do  
progresso técnico

Fundação Cuidar o Futuro



dado constante da civilização  
 ocidental. (Ao contrário, as  
 civilizações orientais bem  
 como a civilização grega  
 desinteressam-se prática do  
 domínio sobre a matéria, a  
 civil. grega por uma sobre-  
~~entim~~ dos valores filosóficos  
 e artísticos e a civ. orientais  
 por uma concepção religiosa  
 do homem e da vida em  
<sup>a</sup>  
~~que os valores de contemplação~~  
~~de Deus permeiam.~~ <sup>na prática</sup>  
 implicam, ainda ~~que~~ <sup>que</sup>  
 o menosprezo das coisas terrenas,  
 transitórias e perecíveis.  
 Vou o dogma de <sup>permanência</sup>  
 eterno contínuo

5  
O q<sup>o</sup> <sup>torna</sup> ~~face~~ típica ~~de~~ utilizável. (5)  
~~é~~ ~~o~~ ~~q~~ ~~ue~~ ~~se~~ ~~desenvolve~~ ~~esse~~ ~~con-~~  
~~ver~~ ~~gência~~ ~~ao~~ ~~longo~~ ~~da~~ ~~história~~  
~~da~~ ~~Europa~~, surge um ponto  
de descontinuidade, ou melhor,  
há uma mudança de sistema  
de coordenadas. Como nota  
Georges Friedman, na introdução  
ao estudo da Unesco sobre os  
aspectos sociais da automação,  
"uma acumulação de profissões  
de ordem aparente/ quantitativa  
pode provocar um salto qualitativo,  
uma diferença de natureza".

Quer dizer, a intensificação quan-  
titativa de um certo tipo de

progresso gerou uma nova realidade (6)  
e foi essa realidade  
q, tendo tomado corpo no con-  
dicionamento do meio indus-  
trial, rápida<sup>lhe</sup> ultrapassou  
~~as suas~~ fronteiras e tomou  
posse de todo o campo socio-  
lógico.

Uma civilização técnica não  
apresenta A civilização técnica  
seria, s/ o pecado de orgulho  
do homem, a civilização  
em q o homem tomaria  
natural consciência, s/  
desequilíbrios nem sujeições,



Muita fábrica, um trabalho de  
oficina, ainda estão na lição  
do trabalho tradicional do  
homem. Mas a sua multiplicação,  
a ritmo cada vez + acelerado,  
e a sua ligação dando origem  
a novas estruturas, exigindo  
outras, criou também uma  
mentalidade diferente a q̄  
hábitos de vida e ideais práticos  
imediatos se associaram.

do seu poder sobre as coisas (7)  
criadas ~~o~~ em q̄ tornado ele  
próprio "consciência dos  
mundos" ~~se~~ cumpriria cada  
vez + fiel / a sua missão de  
medianteiro entre a criação e  
Deus, e em q̄, <sup>feito</sup> instrumento  
da Redenção, a auditoria  
q̄ o "mundo sem nas dors  
do parto" até à perfeita  
final da Partisia. ♦

Mas a civilização técnica  
nao envolve hoje estes valores.

A transformação qualitativa  
q̄ se ~~processou~~ <sup>realizou</sup> (q̄ se ~~processou~~ <sup>realiza</sup>)



ainda sob os nossos olhos nos <sup>(8)</sup>  
 países em processo de desenvolvimento econômico) não tornou  
 explícitos esses valores. ~~As~~ alargando  
~~a todo o campo da vida humana,~~  
 Nem, no ritmo rápido em q  
 se deu, permitiu q o homem  
 tomasse consciência ~~da~~ alteraf  
do seu diálogo e o mundo criado.  
~~Essa~~ Fundação Cuidar o Futuro ~~at~~ lfudou, nas circuns-  
 tâncias da sua realização, q  
 não na sua essência profunda,  
 a natureza do trabalho e  
~~condições~~ condições então necessárias  
 as condições de definição  
 do binómio homem-trabalho.

① Trabalho e homem continua a ser  
o mesmo, porque, torçm!  
(X) Mas o homem utópico  
vai enfrentar as condições próprias  
da n/civilizaç - é marcado pela  
sua imagem e semelhança de Deus,  
filho orfão do pecado, feita digni-  
dade da filiaç divina q' Cristo lhe  
necessa.

① Trabalho mantém-se fiel de  
à sua missão própria - é expressão  
do poder do homem sobre todo o  
criado (como q' ~~se~~ sendo esse poder à  
própria natureza do homem), é  
aperfeiçoamento do homem, é  
produto dum bem social  
necessário

Nad q̄ haja de encontrar-se (9)  
uma nova lei metafísica q̄ ajude  
essa definição. Mas had - de  
ser - se na devida conta as trans-  
formações psicológicas e sociológicas  
q̄ ~~se~~ ~~novas~~ ~~condições~~  
q̄ ~~se~~ ~~caracteram~~. O homem, na  
sua singularidade de indivíduo  
como no seu comportamento  
em sociedade, é ~~em~~ ~~um~~ ~~modo~~ ~~profundo~~  
afectado por essa transformação  
q̄ se realiza na esfera própria  
do trabalho.

~~Aponto~~



Afronto, ~~con~~ muito rápida, as conse- (70)  
quências + evidentes de tal transfor-  
mação.

O trabalho autonomiza-se - ~~de~~  
deixa de ser exclusivo  
+ em execução, uma disciplina  
do homem (te-lo-á sido alguma  
vez?), é essencial / "a produção  
de uma obra."

E aqui, reside, ~~ao mesmo~~  
~~tempo~~, o feugo maior da  
civilização técnica. O q̄ conta  
é o trabalho final, o q̄ in-  
teressa é a produção, é o  
rendimento, é a possibili-  
dade de se atingir rápida/o  
resultado previsto, é "a coisa"

objecto do processo técnico. (71)  
Em certa medida, o sujeito  
(colocado embora, ~~num~~<sup>no</sup> plano  
da própria filiação divina) su-  
bordina-se-lhe. (Retornarei, adian-  
te, esta situação numa perspectiva  
positiva) ~~do valores custos.~~

Agora interessa-me apenas consi-  
derar a ~~Fundação Cuidar o Futuro~~ ~~extremos~~ condur.

Se o homem tem de subme-  
ter-se às leis da matéria  
na execução da obra, e se  
(e quem entre em contacto  
profundo c/ o mundo técnico  
não pode ver outro caminho  
possível) ~~então fácil é~~  
~~é a obra~~ <sup>produzida</sup> ~~que~~ ~~contz~~ no diz'lo homem-  
-trabalh



de corre<sup>o</sup> o risco de se demitir de (12)  
sua própria condição de homem.  
~~Tácil é q o homem seja avaliado~~  
~~única~~ Os valores humanos ~~de~~  
~~foram de~~ + prestígio estão então ligados  
à esfera do "fazer", da produção  
de resultados concretos e visíveis.  
(A própria investigação científica  
mesmo no q poderia ser o da  
mar de ciência pura está hoje  
~~quase~~ sempre ligada à q programas  
de desenvolvimento industrial.)  
É porque é a obra, o resultado  
final q conta, ~~q~~ é possível  
tornar o homem um elo  
da cadeia de produção ou um



mero vector económico, sacrificam (13)  
do-o ao homem abstracto, irreal, ou  
ao \* homem das gerações futuras.

Na execução da obra, dilui-se o  
esforço pessoal, a atitude íntima  
q̄ a tornou possível, o princípio  
espiritual q̄ lhes deu origem.

Quem, <sup>fora</sup> do mundo técnico, ao  
lidar diário c/ os produtos +  
vulgares dos n/ dias, ~~para~~ dos  
detergentes aos discos de cloreto  
de polivinilo, estabelece a relação  
c/ uma atitude intelectual,  
científica, de criação, q̄ lhes  
foi anterior? Onde tem q̄  
esperar se dilui a satisfação  
íntima do preparador no labora

tório ou os cálculos do estatista (14)  
de gabinete? Esses valores humanos,  
de comunhão e o poder curador  
de Deus, ~~de satisf~~ de alegria na  
realização, perderam-se na histó-  
ria do bem útil - e o utilizador  
não recebe uma mensagem de  
outros homens, mas uma "coisa"  
anónima. É a realidade sen-  
sível e palpável q̄ contz - o  
resto é fume de q̄ mal se aper-  
cebem os contornos.

~~Nesta euforia da produção  
da obra, ligada~~

Mas creio q̄ na objectividade  
q̄ caracteriza o ~~aparecimento~~ <sup>aparecimento</sup> da  
produção da obra há ~~uma~~ <sup>curada</sup>



outro peigo. E q̄ as leis pró- (15)  
prias da matéria são leis de  
massa e energia — essenciais/  
quantitativas. A q̄ zonas há-de  
o homem ir buscar a força q̄  
lhe permita dar-se inteira/  
no trabalho a essas leis,  
respeitá-las e aculhar-fel,  
sentir-lhes a cada passo o  
peso e a existência (no processo  
mal calculado, na peça  
mal ajustada), e ao  
mesmo tempo, estar inteira/  
livre, no domínio soberano/  
das quantitativo da cultura,  
da moral, das <sup>reflexões de angústia</sup> ~~religiões~~. Deus?

Fundação Cuidar o Futuro



São perigos reais estes. ~~Estes~~ (16)  
Faz grandes q̄ constituem em  
certas zonas do globo, bem  
certos momentos, um ~~prop~~  
perigo não só para o mundo  
estricta/ técnico mas p. todos  
os sectores em q̄ o homem se  
movimenta.

Da-se por seu lado que se  
nómeno de extrapolação. Trans-  
plantam-se os métodos, o  
critério, o estilo, q̄ são próprios  
da técnica, p. os domínios de  
vida moral. — e a este  
fenómeno ~~chamo~~ chamo, o  
Corpo, tecnicismo.



- Põe-se toda a esperança do  
professor e da evolução da  
humanidade somente nos valores  
técnicos e, no limite, o  
tecnicismo — como nos corpos —  
chega a acreditar q̄ é das  
técnicas particulares q̄ há de  
resultar a paz e a consciência  
moral, reduzidas a simples  
fenômenos.

Fenómeno este q̄ não acom<sup>(17)</sup>  
panha toda a espécie de técnica,  
mas sim uma "meia-técnica"...  
q̄ se encontra raro nos fraudes,  
pensadores de estrutura técnica  
mas se encontra a cada passo  
nos seus executores, naqueles  
em q̄ a ausência de engenho ou o  
comodismo impediram um  
esforço criador eminente/  
pessoal... Ao plano das na-  
ções, creio bem q̄ a tentat<sup>ç</sup>  
tecnicista é m<sup>to</sup> forte num  
país de técnica incipiente do  
q̄ naqueles onde o professor  
da técnica já deve ter ~~sido~~<sup>atingido</sup>  
palpáveis os seus próprios limites.

elas não há só uma extra- (18)  
polax) <sup>indevida</sup> de métodos, de atitude  
intelectual ou valorativa.

É q̄ em todas as actividades do  
homem há uma "técnica", i.e., há  
um domínio do homem sobre  
um sector limitado da criação,  
em vista à restauração ou à  
produção de bens (e aqui incluo  
se. os bens deleitosos q̄ são objecto  
da arte), há um conjunto de  
normas e leis q̄ são próprias  
do objecto do trabalho. É a  
medida q̄ o conhecimento do  
~~homem~~ mundo profunde e  
aumenta a possibilidade de o

dominar através dos meios (19)  
q̄ o próprio homem cria, todos  
os sectores da actividade huma-  
na ~~the~~ centem-lhe a influência,  
quer através de novos processos,  
~~novos métodos~~, quer através de  
possibilidades de alargamento  
do campo de aplicação não exploradas  
até então. Pode assim alargar-se  
o conceito de técnicas além  
das fronteiras do mundo in-  
dustrial a q̄ habitual se cir-  
cunscribe. E talvez aí o peso  
do tecnicismo seja maior.

~~Quando~~ Teicnismo bem  
patentes em certos sistemas de





ensino ~~de~~ na atitude de <sup>(20)</sup>  
muitos professores quando <sup>no aluno,</sup> ignoram  
a pessoa ou ministram um  
ensino em ~~pass~~ série; tecnicismo  
de certos sistemas de medicina  
cooperada, de previdência social,  
tecnicismo de ciências das  
relações humanas, desenvolvi-  
das e propagadas ~~em~~ em  
nome da produtividade;  
tecnicismo dos sistemas de  
organização social, política  
ou administrativa que pacifi-  
cam o homem às estruturas,  
aos organismos, às burocracias



tecnicismo dos q̄ subordinam  
a beleza original e irreverente a  
conceitos standardizados, vulgarizados  
pelo sensacionalismo...

Fundação Cuidar o Futuro

tecnicismo de todos os  $\bar{g}$ , em (21)  
os finais, mesmo a + nobre,  
até apostólica, só procuram a  
obra, o resultado visível, à custa  
dos valores humanos + autênticos.

Fundação Cuidar o Futuro



~~Como olha o cristão~~

(22)

É o momento de nos pergun-  
tarmos: e o cristão? ~~como se processa~~  
o q̄ é a vida cristã nesta civilizaç  
técnica? como se processa o  
diálogo entre o cristão e esta  
civilizaç q̄, rica embora de  
possibilidades, parece oferecer  
tantos perigos?

Fundação Cuidar o Futuro



~~Antes de mais, importa ter~~  
~~presente~~ Não está o cristão pe-  
rante uma opç de conciliaç  
ou usad d a civilizaç técnica.  
Ele é, como os outros homens,  
um peu situado em civilizaç  
técnica. Situaç q̄ contém em

Si um caminho de cautificação (23)  
para o cristão e, ao mesmo tempo,  
a possibilidade de cristianização  
da civilização técnica. É nesta  
dupla perspectiva, a um tempo  
personal e comunitária, q̄ pode  
repensar-se em termos cristãos,  
a problemática da civilização em  
q̄ vivemos.

É fácil reagir por uma ati-  
tude de temor à virada fria dos  
perigos da civilização técnica.  
A maior parte dos escritores q̄  
citei no início parecem querer  
abrir caminho a uma despriso  
da técnica ou quando m.º a uma  
passiva resignação, completada por

todas as compensações q̄ os tempos (24)  
livres possam trazer.

É certo q̄ o homem faz nada esgota  
o humano; mas tão pouco o esgota  
o homem sapiens. Se alguma ~~de~~  
~~propriedade~~ há q̄ estabelecer, será entre  
o ~~homem~~ "fazer" e o "ser". É no ser,  
na essência profunda do homem  
q̄ ele se encontra e q̄ encontra a  
via ~~para~~ para ~~o~~ o ~~homem~~ homem ~~inteligível~~ inteligível  
o sentido último de todas as  
realidades. Mas o ser não é uma  
coisa abstracta — é um ser si-  
tuado, é uma existência, em  
q̄ se conjugam <sup>por um lado,</sup> o conhecimento  
intelectual, ~~de a~~ <sup>de a</sup> ~~emoção~~ <sup>emoção</sup> ~~estética~~ <sup>estética</sup>,  
e por outro, a ~~suas~~ <sup>suas</sup> ~~actividade~~ <sup>actividade</sup>



técnica ; guardadora de novos seus, (25)  
 e de novas relações dos homens  
 e os seus. Se a técnica tem em  
 si o perigo da autonomia da  
 obra em detrimento da pessoa  
 humana, à qual tudo na ordem  
 natural e na ordem social deve  
 estar subordinado, e se esse  
 perigo ~~já~~ tem como expressão  
 última o ~~estado~~ <sup>estado</sup> de materialismo (mate-  
 rialismo, também a atitude que  
 ignora e' camicho p.<sup>o</sup> o desenrai-  
 zamento do mundo, deste lic  
 et nunc q̄ Deus, no seu plano  
 de amor por nós, nos convida  
 a viver — e no limite teremos o  
 dilettantismo intelectual, a evasão  
 social, as condições dum humanismo pueril e copulante.

social, as condições dum humano (26)  
nismo preguiçoso e inoperante.

(~~Estudar cabal intel. Estados Unidos~~)

É ~~para~~ a pessoa humana no  
seu todo, ~~q~~ <sup>é</sup> a nobreza incon-  
fessível do conhecimento intelectual  
e a complexidade, não menos incon-  
fessada, da actividade técnica,  
q̄ ~~é~~ importa situar como  
objecto e fim da civilização  
técnica. É sobretudo a pessoa  
humana q̄ se situa ~~além~~ além desses  
esferas no domínio da angústia,  
do sofrimento, da alegria, do  
amor, da ~~amorte~~. Para além  
de todas as respostas da técnica, o H  
permanece face às interfaces inuencias  
e decisivas do seu destino.







O progresso q̄ realiza no domínio do conhecer e do fazer ~~nas pedras ligé-lo como um ra~~  
~~condensado~~ <sup>tem de</sup> ~~so pedras~~ ser ca- lho  
 p̄ uma percepç do mistério q̄ se esconde nas leis q̄ regem os seus, do seu comportamento. Há, para além das coisas visíveis, ainda as + espectaculares, da série in- findável de novos produtos q̄ o homem vai criando; segun os millhares de tipos de plásticos p̄ todas as applicaões ou os diamantes artificiais agora postos no mercado pela G. E., as máquinas automáticas q̄ controlam <sup>o lance</sup> ~~os~~ <sup>to</sup> ~~os~~ <sup>lunares</sup> ~~situaões~~

ou regulam o funcionamento das (28)  
grandes centrais ou fábricas de pro-  
duto químicos, há p<sup>o</sup> além de  
todo esse cortejo de novos e +  
retornantes professores, invadindo  
em seus efeitos,  
✓ todos os domínios, da medicina  
à psicologia, à sociologia, à edu-  
cação, há, acima de tudo isso,  
um mundo de coisas ilusórias  
de valores espirituais q<sup>e</sup> se não  
traduzem em n<sup>o</sup> ou em arranjos  
moleculares originais, mas q<sup>e</sup> co-  
mandam todo o comportamento  
do homem. Há um mundo de  
valores escondidos, adormecidos  
nas coisas, na vida, nos outros  
homens.



É esse mundo q completa (29)  
o mundo concreto em q, homens  
& técnica, nos movimentamos.

É 1.º um mundo de vida  
animada, vida q se exprime  
no ritmo inalterável da vida,  
no mistério da fecundidade da  
terra, a brotar em frutos q  
quão cemente ignorada, logo  
depois vida pujante e depois  
flor e fruto outra vez.....

Não pretendo defender um natu-  
ralismo já ultrapassado, mas  
sim lembrar q comungamos,  
~~esta~~ pela m/ condição humana,  
nesta mesma natureza q se  
nos oferece, f.ª entendermos e

amarmos. O P. Gerald Vann, (30)  
diz-nos em q sentido há-de ~~ser~~  
ver-se este encontro e a natureza.

"A sociedade ~~ter~~ humana foi consti-  
tuída p.ª por uma realidade criadora:  
a criação comum duma vida comum,  
mas esse carácter comum, base de  
comunidade, desaparece e morre  
quando a organização, q é um  
produto da civilização técnica,  
substitue o organismo; e o organismo,  
o todo orgânico depende, em certa  
medida duma terra comum,  
como base natural duma seiva  
q vive e opera como abstracto  
inalterável em todas as diferenças  
de esta, dando ou fucos!"



(A necessidade ~~afinal~~ deste (31)  
encontro cf a natureza como ~~anti-~~  
~~dato~~ <sup>é</sup> uma dimensão própria  
da inserção do homem no mundo  
é afinal concretizada nas  
dum ~~são~~ urbanismo.)



É q̄ o contacto cf a natureza  
oferece-nos dois valores inestiváveis:  
mostra-nos, por um lado, o  
sentido do todo, do ser completo,  
e não da peça ou do produto  
de uso especializado. ~~Aliás~~  
~~este que tema poderia ser desen-~~  
colocado situa-nos perante a  
vida, mais complexa do q̄  
a técnica, e ~~infinita~~ + muito  
mais total. Não é s/ dúvida

por mero acaso q̄ esse conteúdo (32)  
e a natureza está presente nas  
grandes ordens religiosas como  
uma necessidade da formação,  
quando não de todo o ritmo  
da vida.



Mas a natureza abre-nos  
ainda a outro valor q̄ a ul-  
trapassa: o valor dos símbolos,  
dos sinais. Na sua lingua-  
gem rítmica, abre-nos a  
um processo cósmico em q̄  
cada acto é figura de reali-  
dades maiores. Fala-nos  
da plenitude do Princípio  
das coisas e da continuidade

destas, ~~denuncia~~ <sup>revela</sup>-nos ~~no~~ uma (33)  
imanência de Deus na beleza  
de todo o criado e ao mesmo  
~~afet~~ tempo aponta-nos a  
Sua transcendência. ~~Falamos~~

Fala-nos do pão, do vinho,  
do óleo, da água ~~e~~ <sup>em</sup> cada  
os sinais maiores, sinais  
da presença <sup>continuada</sup>  
de Cristo entre nós, dando-nos  
a graça através <sup>dos frutos</sup> da natureza.  
~~Falamos~~ Mostra-nos as árvores

- e cada uma delas é um  
símbolo daquele outro modo  
pelo qual JC renova o  
mundo.



Falei no mundo da vida (34)  
animada a completar o mundo  
da técnica. Mas há ainda  
o mundo dos valores espirituais  
da cabedoria e do contemplação.

No conhecimento das coisas e  
do mundo há o mistério da  
sua essência q̄ se revela.

Has Ensaio sobre a Revelação pode  
fazer-se no meio do barulho,  
da actividade frenética, Pieper,  
no seu magnífico livro "Leisure,  
as a basis of culture", mostra  
como a contemplação cuidada  
é a base de todo o conheci-  
mento real, de toda a realização



Concreta. Numa civilização (35)  
em q o conhecimento parece ser  
a posse da verdade, é preciso  
revelar q ele só <sup>pode ser</sup> contemplado,  
participado da Verdade. No  
atordoamento das palavras, da  
imprensa ou da rádio (cuja  
maior profanação não são a  
responsabilidade técnica, como  
acentua Gropius), é preciso criar  
o silêncio, ouvi-lo. Porque só no  
silêncio <sup>nasce</sup> ~~se gera~~ a sabedoria  
q, q o amor, gera a quantidade.  
Há uma serenidade interior,  
uma tranquilidade, uma paz,  
~~q têm de ser~~ onde todas as

coisas adquirem unidade e (36)

que enquadram <sup>vital, harmônica</sup> naquele todo orgânico, q é a expressão mesma da quantidade. Creio q nós, ligo desta civ. ven., não temos sido capazes de a cristianizar, porque ignoramos deliberada o valor cristão do silêncio e da contemplação. Temos um Deus intelectual, de polémica, ~~quando m<sup>to</sup>~~ de até de agitação política, um Deus de grandes manifestações de massa, mas ignoramos o encontro d Deus, Rei dos corações, Voz do silêncio.

É preciso encontrá-lo e querer encontrá-lo. E isto não

é tarefa de alguns — é a exi- (37)  
gência do amor de cada um.

Se, ~~a Igreja for~~, <sup>sobretudo</sup> não só através  
daquelas q̄ a Deus se consagra  
total/ for uma vida de contem-  
plação, mas ~~for~~ através de  
todo nós, em q̄ cami- ho de  
vida, a Igreja for no mundo  
um grande polo de silêncio  
e de oração onde tudo seja  
caminho p̄ o amor e onde  
o amor seja cami- ho p̄ tudo,  
a cristianização & civilização  
técnica é possível e certa.



→ Diz o P. Vann "aqueles que  
atingem esta cabedoria, este unido  
co o universo e co o amor, pois  
o universo podem <sup>entre</sup> gozar de todas  
as coisas s/ correrem o risco da  
degradação."

Fundação Cuidar o Futuro



Diz o P.º Vann: 371

Todos aqueles q̄ chegarem a esta sabedoria, a esta uniao em o universo e em o Amor q̄ cria o universo, podem, antes, mas só posar de todas as coisas mas usar todas as coisas sem o perigo de as deprender. Usares outras formas de subhecimento frigue mas se servires delas em arrogancia e estreiteza mas interpretadas no seu esquema mental.

Haõ-de servir-se da ciencia

37"  
e aplica-la, porque o cosmos  
estuda e as energias  
descobrem-se para eles a  
"terra e a sua plenitude", dos  
quais só Deus é Senhor e cu-  
ja maior glória está, justamen-  
te, em dar glória ao Senhor.  
Há de servir de todas as  
coisas, porque as usamos nos  
unicamente como meios mas  
como tendo valor em si  
mesmas, e assim aproxima-  
-se-as delas com deslumbramento  
e reverência.

Poderes, sem perigo, interesses  
 san-se pelas causas imedia-  
 vas, porque para além do ime-  
 diato teres sempre o sentido  
 dos ultimos fins. Poderes,  
 e entregar-se - as mesmo, a  
 a actividade, e a sua actividade  
 sera' benefica, porque por tras  
 da accç estara' sempre a vida,  
 por tras do dominio estara' o  
 amor, por tras da energia  
 estara' a simplicidade e a  
 humildade

Fundação Cuidar o Futuro



(N. 37-38)

~~É~~ pois, Alimentados dos (38)  
civais da graça e reconduzidos  
à pura contemplação podemos  
abordar de novo, o mundo  
da técnica e tocar no nó do pro-  
blema.

Que realidades temos de  
enfrentar?

\* técnica continua o acto  
criador de Deus, é seu prolon-  
gamento através da vontade,  
da inteligência, das mãos dos  
homens. ~~É~~ mas creio q' possa  
Mais, como acentuam Laloux  
et Nélis, "todo o objecto técnico  
é a cristalização & inteligência  
prática do homem; é a reali-





capz pelo homem de uma (39)  
ideia concebida pelo homem mas  
rejeitada já pela Natureza. É o  
que dá valor, não sómente no  
mundo reduzido em q se movi-  
menta o homem, mas no absoluto  
do ser: o objecto técnico é, ~~de~~  
em si, superior à matéria inor-  
gânica num estado disperso;  
é matéria i-formada de um  
princípio de "inteligibilidade e  
de actividade".

Ora quando se analisam  
os efeitos da técnica, a sua apli-  
caç, verifica-se sempre a  
sua ambivalência, a possibilidade  
de serem bons ou mau uso e



Conclue-se quase sempre q̄ a (40)  
técnica em si é neutra. Ora eu  
creio, e os autores citados q̄ a  
técnica é boa em si, <sup>ou tem 1 tendência ao bom uso</sup> ~~como diz Corry~~ <sup>como diz Corry</sup>

é a causa de q̄ a técnica é  
prolongamento pelas mãos  
dos homens. O q̄ pode ser usado  
é o seu uso q̄ não depende  
de nada da liberdade humana.

Fundação Cuidar o Futuro  
E por isso é possível ~~dizer~~, e  
Corry, q̄ "ter mais medo de  
um concurso de filosofia do  
q̄ de um invento físico;  
porque é daquele concurso q̄  
vai cair a data, o endereço  
e a aplicação da bomba de  
hidrofenio, e não da própria bomba."

Há q̄ entendeu a língua (41)  
própria deste mundo material  
eue q̄ a tónica se exprime.

~~H~~ preciso Or mundo eue q̄ o  
Verbo se fez carne nad e' o  
Mundo em q̄ se justpõem, por  
hipótese, as esferas do espirito  
e da matéria. O mundo eue  
q̄ o filho de Deus foi cruci-  
ficado aceita a submissã  
à dor e à morte, porque  
Ele ressuscita. O homem q̄  
se movi<sup>z</sup> na civ. tónica uad  
e' um conjto<sup>de</sup> corporales cujo  
princípio espiritual se compen-  
saria no contacto c/ a  
tónica; e' uma unidade



Fundação Cuidar o Futuro

consustancial de corpo e (42)  
alma q̄ entra em diálogo da  
matéria no domínio das leis  
q̄ à matéria são próprias.

↓ É fácil reclamar o alheamento  
da técnica, por piedosas in-  
tensões ou ficar em desespero  
pega-te e hecatombe q̄  
parece inevitável; é fácil  
pensar q̄ o mundo está ~~em~~  
~~subindo~~ submetendo cada vez +  
às coisas materiais. . .

Mas é nesta época q̄ há  
só pela boca dos seus  
teólogos a Igreja no



lembra q̄ tudo é comilio (43)  
na glória de Deus. E no  
em tempo q̄ a Igreja defue  
o do fma da Assunç, a  
glorific da carne pura  
humana. E na ~~criad~~ da  
mulher cujo corpo brilha  
na glória da eternidade,  
vestida de sol, q̄ podemos  
anteer a redempç de toda  
a matéria operada por  
Cristo e continuada  
pela Igreja. Porfi nad  
há poder ou desrefo to  
de matéria q̄ possa



Fundação Cuidar o Futuro

anunciar a presença (44)  
de Deus. Hoje, como há  
2000 anos, podemos dizer  
cf S. Paulo: "Desde a criação  
do mundo, as obras de  
Deus tornaram visíveis à  
inteligência os seus atributos  
invisíveis: a sua  
poder eterno e a  
sua ~~div~~ infinita  
majestade" (Rom 1, 20)



→ Situações

- trabalho em cadeia  $\leftarrow$  v. o fim do trabalho  $\leftarrow$  controle (é a máq. q. faz)

- 1) contemplação
- 2) lugar em relação à técnica

Fundação Cuidar o Futuro